



10º ENCONTRO CIÊNCIA POLÍTICA E A POLÍTICA:
MEMÓRIA E FUTURO
Associação Brasileira de Ciência Política

Belo Horizonte
30 de agosto a 2 de setembro - 2016

Área temática: Comunicação Política e Opinião Pública

Lideranças políticas em reconfiguração:

A relação entre representação e política em rede no Partido *Podemos* da Espanha

Rosemary Segurado¹ (PUC/SP e FESPSP)

Tathiana Chicarino² (PUC/SP e FESPSP)

¹ Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4703571J6>

² Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4481186H1>

Introdução

A presente proposta de comunicação se insere no projeto temático da FAPESP “Lideranças políticas no Brasil: características e questões institucionais”³, desenvolvido pelos pesquisadores do Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política do Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais da PUC/SP.

Especificamente, nesse *paper* objetivamos compreender o exercício de novas formas de organização e participação política baseadas nos princípios da horizontalidade, transversalidade e descentralização do poder, em oposição às instituições políticas clássicas e às lideranças tradicionais, que se organizam de forma vertical, hierarquizada e piramidal. Partindo dessa problematização teórica buscamos analisar a articulação entre tecnologias digitais e práticas políticas contemporâneas, tendo como caso de estudo o partido espanhol *Podemos*.

Adotamos fundamentalmente dois subsídios empíricos, um dos quais tem como referência nove entrevistas semi-estruturadas realizadas com lideranças políticas do *Podemos* em maio e dezembro de 2015, além de alguns registros de observações durante os respectivos processos eleitorais em que estivemos na Espanha para o acompanhamento das atividades do partido.

O outro se refere à análise e sistematização do conteúdo expresso em seu site⁴, considerando a relação entre a apropriação dessa plataforma de comunicação tanto para fins de organização quanto de mobilização política, e a característica potencialmente democrática da rede.

Tendo considerado tal material, discutiremos à luz da experiência do *Podemos* a criação de ferramentas que democratizam o debate e a participação política e assim, operam transformações tanto no ativismo político e quanto na organização partidária, e, em seguida buscaremos compreender se estaria em curso a elaboração de uma política capaz de combinar democracia representativa com democracia participativa, e qual o papel dos partidos políticos e das lideranças como mediadores entre os anseios dos cidadãos e dos movimentos sociais nas instâncias da política institucionalizada.

³ O Projeto Temático (nº 12/50987-3) “Lideranças Políticas no Brasil: características e questões institucionais” é financiado pela Fapesp. As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas, neste trabalho, são de responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a visão da FAPESP.

⁴ <http://lasonrisadeunpais.es/> Acessado em 14.jun.2016

Uma das justificativas teóricas a sustentar a escolha desse estudo de caso com vistas à compreensão de alguns aspectos das práticas políticas emergentes parte da reflexão do sociólogo português Boaventura de Souza Santos (2015), que o descreve como um partido-movimento. Trata-se de uma definição que expressa de modo bastante fidedigno essa nova construção partidária, à medida que se verifica a manutenção da dinâmica constitutiva do movimento, tais como o ativismo social, a organização em rede, a valorização da horizontalidade e dos processos colaborativos; ao mesmo tempo em que se institucionalizam em um partido voltado para a competição eleitoral, algo típico dessa forma de associação.

Nesse sentido, os sintagmas partido-movimento/movimento do partido não se limitam à reflexão de Boaventura de Souza Santos (2015), mas também encontram eco no referencial teórico de Manuel Castells, de Michael Hardt e Antonio Negri.

Destacamos dos debates dos autores o espaço de autonomia, gerado pelos fluxos entre as práticas sociais e políticas da rede possibilitando o desenvolvimento de uma espécie de companheirismo; e a abordagem da política em rede e na rede, como potencializadora do desenvolvimento de novas práticas coletivas onde os fluxos comunicacionais favorecem o desenvolvimento de modos de vida cooperativos, baseados no desenvolvimento de dinâmicas centradas no que denominam por comum.

O processo de institucionalização do *Podemos*, conforme análise de Boaventura de Souza Santos (2015), apresenta desde as potencialidades envolvidas na transformação de um poder destituente aos mecanismos de participação e representação tradicionais para um poder constituinte, nos termos de Hardt e Negri. Ou da passagem de uma indignação social para uma indignação política, de uma mudança social para uma mudança política, de acordo com Castells.

Coincidindo com essa reflexão, alguns dos entrevistados para essa pesquisa afirmam que não gostariam de ser uma “esquerda testimonial”, pois identificavam limites em estar nas ruas criticando as formas de representação política vigente e acreditavam que era necessário um instrumento político para a construção de um processo constituinte, principalmente para intervir no espaço institucional.

Nas palavras de Juan Carlos Monedero, um dos fundadores do partido:

La creación de *Podemos* era explotar la posibilidad de una herramienta válida. Aprovechamos una ventana de oportunidad doble o triple. Teníamos

condiciones objetivas de rabia social, condiciones objetivas de desencanto con la democracia. Teníamos la incapacidad de los partidos políticos tradicionales de representar (MONEDERO, 2015).

Genealogia do partido

Podemos é um partido político de formação recente que emergiu como um dos desdobramentos do movimento espanhol 15M, conhecido também por Indignados. Porém, para compreender sua emergência e características, é necessário que voltemos à história a fim de observarmos que essas ações coletivas são resultantes de um processo mais amplo de reconfiguração do ativismo político internacional, especialmente a partir de 2011.

Contudo, embora a articulação dos protestos de 15M seja um momento fundamental para a compreensão da emergência de *Podemos*, é consensual que nem todos os ativistas desses protestos tinham o interesse em formar um partido político. De certa forma, parcela importante era contrária à participação nesse tipo de institucionalidade. Por outro lado, para o chamado grupo promotor⁵ de *Podemos* era necessário aproveitar a energia social gerada durante o 15M e transformá-la em energia política para intervir na realidade.

Assim, em janeiro de 2014 o grupo promotor lançou na internet o manifesto intitulado *Mover a Ficha*, propondo o desafio de se conseguir 50.000 assinaturas de apoio ao lançamento de uma candidatura ao Parlamento Europeu em defesa da cidadania. Em poucas horas já registravam expressivo apoio, maior que o número esperado. A partir de então se verificou um salto na proposta de constituição do partido, sendo o primeiro desafio as eleições para o Parlamento Europeu, em maio de 2014, na qual o partido com poucos meses de existência elegeu cinco eurodeputados. Em seguida vieram as eleições provinciais, municipais e gerais, em que o partido participou sozinho ou em alianças regionais.

Tivemos a oportunidade de acompanhar as eleições de maio de 2015, nas quais *Podemos* se apresentava como novidade no cenário político espanhol, marcado pelo bipartidarismo do *Partido Popular (PP)* e do *Partido Socialista Espanhol (PSOE)* desde a transição política dos anos 70. Naquele momento, em entrevista concedida por Iñigo Errejón, conhecido como número dois do partido, buscamos compreender

⁵ Grupo de ativistas que deu impulso à criação primeiro do movimento *Podemos* e, posteriormente do Partido *Podemos*. É importante destacar também que vários integrantes desse grupo original foi formado por professores e estudantes da Facultad de Ciencias Políticas y Sociología da Universidad Complutense de Madrid.

os seus principais marcos organizativos, que o jovem líder sintetiza em três datas cruciais:

15/05/2011: o início de uma mobilização social transversal, fora dos sindicatos, dos partidos políticos, das organizações e inclusive dos discursos tradicionais, que não são capazes de mudar os equilíbrios de poder no interior do Estado, mas que fazem mudanças substanciais no sentido comum e constroem uma agenda nova que coloca boa parte das elites políticas e económicas na defensiva.

25/05/2014: Surgimento de *Podemos* nas eleições parlamentares europeias foi um surgimento modesto, 1 milhão e 250 mil votos, 8%, mas um surgimento que desloca todo sistema de partidos e que desde então não parou de crescer toda vez que abrem as urnas. Colocou os “que mandam”, ainda “mandam” na defensiva.

13/06/2015: as principais cidades da Espanha estão nas mãos de forças políticas de mudança, entre elas as que *Podemos* apostou dizendo que nas municipais haveria que articular coalizações amplas que não significaram a soma de siglas de diferentes esquerdas, senão ferramentas políticas a serviço de uma vontade de mudança que serviam a cidadãos muito diferentes. Alguns que votavam em partidos tradicionais, outras que se abstinham. Certamente a mudança não é igual em toda Espanha. Não avança na mesma velocidade. Como aconteceu historicamente no século XX na Espanha. A mudança abre caminho primeiramente nas grandes cidades. Isso é uma constante na história do país. Os grandes ciclos de mudanças começam nas grandes cidades e depois nas províncias com menos densidade populacional. É uma dinâmica habitual na nossa história (ERREJON, 2015).

O *Podemos* surgiu, portanto, em um contexto de crise económica e política – crise do modelo de representação associada ao elevado índice de desemprego –, um processo que resultou em um novo modelo de ativismo que busca formas de lideranças que sejam capazes de ampliar a participação popular e garantir o cumprimento dos interesses da população na esfera institucional.

Contudo, e a despeito de o ativismo político ser extremamente importante – e essa é uma das ideias organizadoras do *Podemos* ressaltada por Boaventura (2015) –, a política não se sustenta apenas pelos considerados “politicamente ativos”, mas também pelo cidadão comum. Assim, a institucionalidade da política requer instrumentos próprios que a dispute. E o *Podemos* deixa de ser um movimento-partido para se tornar um partido-movimento. Para Juan Carlos Monedero:

O movimento dos Indignados, o 15M atuou como um processo destituente que impugna o modelo existente e sua legitimidade, mas tinha muitas dificuldades para se converter em um movimento constituinte. Para isso fazia falta a criação de instrumentos com capacidade de desafiar o sistema político. Passados três anos, quando a crise se agrava e os protestos sociais não

conseguem transformações, somente nas mudanças de consciência, decidimos transformar essa mudança social em mudança política. Tentamos converter a indignação social em indignação política. Tentamos colocar em movimento depois da face destituente uma face constituinte e criamos *Podemos* (MONEDERO).

Portanto, o partido *Podemos*, tendo como objetivo principal, segundo seus membros, a dinamização do sistema político espanhol face ao esgotamento da capacidade de interlocução e articulação dos cidadãos, vai instrumentalizar um dos princípios base de um processo constituinte, segundo Hardt e Negri (2014, p. 16), presente na constituição de diversos movimentos sociais, sendo ele a rejeição à representação política tradicional e a construção de esquemas de participação democrática. Para os autores, vivemos uma crise que é não apenas econômica, social e política, mas também constitucional:

Como as pessoas poderiam se associar intimamente em torno do comum e participar diretamente da tomada de decisão democrática? Como a multidão poderia se tornar governante das instituições do comum de maneira que reinventasse e concretizasse a democracia? Essa é a tarefa de um processo constituinte (HARDT; NEGRI, 2014, p. 65).

E esse poder constituinte pode ser entendido como uma força ilimitada, transformadora, revolucionária (NEGRI, 1993). Portanto, tem uma potência criadora, algo que Boaventura (2015) também identificou na composição do *Podemos*, tanto como inovação política quanto como expressão de um inconformismo especialmente diante do “sequestro” da democracia representativa, que idealmente deveria contemplar interesses distintos à vontade do capital.

Corroborando com essa reflexão e reafirmando a análise de Monedero sobre a passagem de um processo destituente para um processo constituinte, Iñigo Errejón analisa as eleições europeias como um marco fundamental para o surgimento do partido. De uma indignação social para uma indignação política, ou de uma mudança social para uma mudança política, o *Podemos* busca instrumentalizar aquilo que Castells (2013, p. 157) identificou nos movimentos sociais contemporâneos: o fato de serem uma alavanca da mudança social.

Observamos também que as práticas políticas do *Podemos*, além de contribuírem para a expansão dos espaços de debates e da amplificação das mensagens do movimento-partido, impulsionam a transformação da arena política e, nesse sentido, o espaço público passa a ser ocupado, mas com os valores próprios

da política em rede, que nos leva à ampliação de formas cooperativas fundamentais para o desenvolvimento da cultura da colaboração ou do que Michael Hardt e Antonio Negri afirmam ser a produção do comum.

El común son también y con mayor motivo los resultados de la producción social que son necesarios para la interacción social y la producción ulterior, tales como saberes, lenguajes, códigos, información, afectos, etc. (NEGRI, 2011, p. 10).

Lideranças políticas: conceito em transformação

Nas entrevistas realizadas durante as atividades de pesquisa em Madrid, em junho e dezembro de 2015, foram elaborados dois roteiros para atender às necessidades específicas da pesquisa. No primeiro roteiro privilegiamos questões relacionadas às dinâmicas mais gerais do partido com o objetivo de compreender a partir da percepção dos entrevistados a concepção de liderança política, as principais características da organização partidária, as práticas em torno da participação e representação política e o papel da comunicação na atuação partidária.

Verificamos que, para nossos entrevistados, as experiências vividas nas mobilizações do 15M foram fundamentais para manifestar o descrédito nas lideranças políticas e nos partidos tradicionais (de direita, centro ou esquerda) e para explicitar a impossibilidade de uma sociedade verdadeiramente democrática no atual sistema representativo. A questão da liderança política é vista como um processo natural da organização política, embora realizem críticas contundentes à forma como as lideranças políticas tradicionais atuam, de forma desconectada do sentimento geral da população.

Nas entrevistas pudemos perceber que a crítica central dos protestos ocorridos no 15M, expressa na palavra de ordem “não nos representam”, não se tratava exatamente de repudiar qualquer forma de representação e de liderança política, mas principalmente de pensar como era possível o exercício da política de forma mais horizontalizada, mais participativa, o que não exclui a necessidade de ter porta-vozes que atuam na dinâmica cotidiana da política.

O que vai de encontro ao dito por Hardt e Negri (2014) de que projetos políticos eficazes não precisam estar aferrados a líderes e estruturas centralizadas, mas que lideranças podem vir de projetos voltados para o consenso e para o encaminhamento de questões e que “[...] as assembleias compartilham a intenção de interromper as

tendências arraigadas de centralizar o poder num pequeno grupo de líderes” (HARDT; NEGRI, 2014, p. 121). Embora também pudemos observar no processo de formação das listas para as eleições que não se trata de um processo totalmente descentralizado, à medida que a lista encabeçada por Pablo Iglesias é lançada de forma fechada para as prévias. Ou seja, não se verifica um processo preliminar para a construção das listas e sim uma lista elaborada a partir da liderança de Iglesias e submetida à aprovação dos militantes do partido. Esse processo sofreu alguns questionamentos do partido, mesmo que não tenha passado por uma discussão profunda e organizada sobre o tema.

No mesmo sentido da instrumentalização do partido político, a questão das lideranças é assim vista por Monedero:

Quando nasceu *Podemos*, colocamos como principal tarefa utilizar nossas lideranças para enquadrar as pessoas. Lideranças que façam as lideranças necessárias. Dar ferramentas para a cidadania para que deixe de delegar a política. O coração da análise de *Podemos* é que nos acontece é porque delegamos a política. E nessa delegação nos converteram em reféns da partidocracia que ao mesmo tempo é refém do sistema financeiro e, portanto, nada servia.

Tínhamos que nos organizar horizontalmente nos círculos e os círculos têm que ser espaços de reflexão e também para entrar em contato com o território. Portanto tínhamos uma dupla tensão: um aparato eleitoral procedente da democracia representativa, dentro do Estado representativo que garantia musculatura forte de uma ação política, e um espaço áexperimental, horizontal, deliberativo, assembleário que politizasse e cartografasse as possibilidades de construção da alternativa. Em um lugar se experimenta e no outro garante que o experimento não fracasse (MONEDERO, 2015).

Retomando a ideia do “ecossistema participativo complexo” do *Podemos* que busca articular os mecanismos institucionais centralizadores a uma participação horizontal, nos parece bastante significativo o papel da liderança política nesse contexto, especialmente na efetivação do experimento gerado nos espaços deliberativos e horizontais para os espaços institucionais tradicionais. Também é possível verificar um conflito interno no partido, considerando que a combinação entre dispositivos horizontais e verticais nem sempre é harmônica e, em muitos momentos, gera um desconforto e, principalmente, pelo fato de o partido ainda não ter conseguido em seu curto tempo de existência estabelecer algumas diretrizes partidárias e ideológicas.

Na perspectiva de Errejon, a liderança política cumpre o seguinte papel:

Assim que temos lideranças que se construíram como uma parte dos opinadores do bloco dominante na televisão, na confrontação na televisão, que foram capazes de abrir espaço e algumas pessoas diziam que colocávamos em palavras o que elas já pensavam. Portanto, a alguns servimos como que instrumentos para concretizar um discurso contundente atrativo e com capacidade de síntese o que era um ânimo generalizado (...).

O papel das lideranças depende da capacidade da sociedade civil organizada de pressionar, avançar demandas, exigir prestação de contas. Quando a sociedade civil tem a capacidade para empurrar e acompanhar, se vê, claramente a relação de tu a tu, digamos de diálogo. Quando a sociedade civil, se retira ou está esperando, tem vezes que os porta-vozes ou lideranças combatem sozinhos com uma parte da população de espectadores. Isso não é algo que nos agrada, também porque se não existe uma mobilização, uma tensão popular que nos acompanhe é muito difícil sustentar a luta, mas somos conscientes que os aparelhos intelectuais e coletivos que criam opinião e que trabalham para desgastá-los, trabalham todos os dias, enquanto a tensão popular não está todos os dias, não existe todos os dias, não existem organizações ou campanhas que mantenham essa tensão todos os dias, desse modo é possível dizer que é um problema de fluxos e refluxos. Às vezes tem a sociedade que empurra e acompanha e outras vezes essa sociedade volta ao trabalho, volta à normalidade, à rotina e o que fica é uma competição entre os porta-vozes da mudança, boa parte dos formadores de opinião, porta-vozes e atores políticos que querem defender a velha ordem (ERREJON).

Nesse sentido, as lideranças entrevistadas pelo *Podemos* não descartam a necessidade de lideranças políticas, mesmo que essa tenha sido uma das críticas mais frequentes nas mobilizações de 2011 na Espanha, mas antes compreendem o partido como instrumento e seus líderes como porta-vozes de uma indignação social que se fez indignação política e que precisa ser operacionalizada.

Em entrevista realizada por Pablo Iglesias a Antonio Negri para o programa *La Tuerka*, verificamos que:

O problema da liderança é um problema que nasce naturalmente e necessariamente dentro de uma sociedade em que o poder midiático é central. O problema é que esta liderança deve estar submetida a contrapoderes que sejam definidos constitucionalmente. Sou um institucionalista forte. Não acredito que as lutas podem avançar sozinhas. Não acredito que os movimentos possam se sustentar simplesmente sobre a base do entusiasmo. Entusiasmo e liderança se parecem muito. Temos que encontrar uma fórmula multitudinária na qual o Estado, que é o UNO, siga um Estado Multitudinário. É preciso seguir fórmulas de contrapoder inseridas no nível constitucional (...). Evidentemente se aceita um líder num momento de mobilização e quando isso está garantido por um projeto, um projeto de liberação de todas as energias sociais (...). O problema hoje é que não temos mais líderes como Martin Luter King ou Malcoon X, temos lideranças eleitorais ligadas aos instrumentos da comunicação (...). O problema da liderança se converte em algo extremamente difícil. A liderança tem que estar

verdadeiramente enraizada de maneira mais forte no movimento (NEGRI NA TUERKA, 38').

Sob a chave interpretativa gramsciana, cabe-nos destacar que a liderança descrita e objetivada pelos integrantes do *Podemos* não se limita às suas qualidades individuais – tal como o líder carismático weberiano e o *condottiero* de Maquiavel –, mas diz sobre um ator orgânico capaz de instrumentalizar sua ação em prol de uma verdadeira transformação social.

Assim, esse ator, ou intelectual orgânico, não seria apenas uma pessoa singular, mas desempenharia sua função em um organismo social complexo que Gramsci entende como sendo o partido político (GRAMSCI, 1968). O intelectual orgânico seria o principal articulador da relação entre a ideologia e a ação, sendo este engendrado no seio de seu próprio grupo social por fazer “coincidir a cultura com a função prática” (COUTINHO, 1999, p. 26). Por conseguinte, a batalha das ideias passaria a assumir uma importância crucial na luta pela hegemonia e na configuração de sua prática política.

Gramsci (1968) se refere, portanto, a um partido político clássico que se faz como vanguarda capacitada a orientar a direção político-cultural da sociedade em transformação. Contudo, guardadas as devidas semelhanças na disputa pela hegemonia e na natureza da liderança, entendemos que o *Podemos* não se coloca como elevação de uma parte da classe operária (ou da classe dominada), mas como um partido-movimento que sinteticamente pode ser visto como uma inovação política (BOAVENTURA, 2015) capaz, pelas redes, de minorar o distanciamento entre democracia participativa e democracia representativa.

O funcionamento em rede sem um centro que concentre a capacidade de informar e de convocar possibilita a descentralização da política e estimula o redimensionamento do papel das lideranças políticas. Evidentemente, as redes sociais não encerram o papel das lideranças políticas, mas impõem às lideranças a necessidade de se pensar em novas práticas que convirjam com os anseios que hão de estruturar a chamada nova política.

Nesse sentido, a liderança política de Pablo Iglesias foi sendo construída, principalmente, por sua participação em debates televisivos e, conforme o depoimento consensualizado dos entrevistados para essa pesquisa, nota-se que a capacidade de articulação de uma narrativa crítica sobre a situação política e econômica espanhola

foi um dos pontos fundamentais que fez com que Iglesias trouxesse audiência para muitos programas televisivos e que tornasse o partido cada vez mais conhecido. Nesse sentido, vemos que a liderança de Iglesias foi construída, principalmente, pela performance televisiva, o que o tornou uma referência para a construção do *Podemos*.

Esse processo foi confirmado nas eleições gerais realizadas em dezembro de 2015, em que o partido obteve uma votação expressiva, elegendo 69 dos 350 deputados, equivalente a 20,61% do eleitorado e mantendo-se na terceira posição.

Cabe destacar que a Espanha é uma monarquia parlamentarista e que o presidente de governo é escolhido entre os deputados eleitos a partir de negociações entre os partidos. Assim, é preciso alcançar a maioria simples, ou seja, 176 deputados, 50% mais um. Contudo, entre janeiro e maio de 2016 nenhum partido conseguiu formar maioria para a escolha do presidente de governo.

Durante nossas observações constatamos que esse foi um período bastante tumultuado para o *Podemos*, permeado por incertezas e redefinições, tanto no que se refere à relação com outros partidos no âmbito parlamentar como na existência de conflitos internos acerca da melhor estratégia a ser adotada. Consequentemente, esses embates produzem impactos nas lideranças dos partidos, o que por vezes pode ser negativo para o processo de construção partidária.

Nesse ambiente de divergências internas, em março de 2016 a liderança de Pablo Iglesias se manifesta com as características próprias dos partidos tradicionais e assim decide pelo afastamento do Secretário de Organização do Partido, Sergio Pascual, ligado a Iñigo Errejón, sob a justificativa da necessidade de controle sobre as crises territoriais.

Assim, Iglesias acaba por manter o controle orgânico do partido com uma medida extrema que expressa a concentração máxima de autoridade no interior do partido, pois toma essa decisão como Secretário Geral, sem que tenha havido a convocação de um fórum para debater os problemas que estavam ocorrendo naquele momento.

Sob a justificativa de considerar deficiente a gestão de Sergio Pascual na condução das crises internas do partido, Iglesias se utilizou de amplos poderes para encaminhar uma solução para o problema e, nesse sentido, notamos que o caráter mais horizontal que se verificou no início da formação do partido foi substituído pelo

caráter mais vertical, o que nos remete para as formações partidárias tradicionais, distanciando-se da forma partido-movimento característica de sua fase inicial.

É possível afirmar que as eleições de dezembro foram bastante exitosas para o partido, que consolidou um espaço no eleitorado espanhol e ampliou adeptos em relação às eleições de maio de 2015. Em ambos os processos eleitorais acompanhamos as atividades de campanha, tais como reuniões realizadas na sede de Madrid, comícios, reuniões de círculos e atividades de campanha nas ruas da capital espanhola e de municípios próximos.

Nessas atividades conversamos com lideranças e também com militantes do partido e nesses diálogos pudemos perceber que o partido desperta grande atração para a perspectiva de uma nova política, capaz de romper com o bipartidarismo espanhol. O perfil dos militantes, no geral, é jovem, mas há a presença de militantes de outras faixas geracionais. Nesse caso específico, conversamos com antigos militantes do *PSOE* que expressavam o desencanto com o que denominavam de “neoliberalização” dos socialistas e enxergavam em *Podemos* uma possibilidade concreta de mudança.

Do ponto de vista espacial a sede do partido traz aspectos diferentes dos partidos tradicionais. Em primeiro lugar, a composição dos apoiadores que atuam nas atividades da campanha mostra a brecha geracional aberta pelo partido com a presença de ativistas muito jovens, cada um com seu computador, desenvolvendo atividades organizativas ou de outra natureza pelas redes digitais.

Chama muito a atenção o fato de não haver nenhum tipo de estante para armazenar livros ou materiais de campanha, dando a entender que os computadores cumprem esse papel e mostrando na prática a construção de um partido com base nas redes digitais. Os espaços foram distribuídos em pequenas salas que são ocupadas pelas lideranças mais importantes, embora não tenha nenhum tipo de identificação.

Podemos – análise do site

O site do partido é fundamentalmente construído a partir de elementos próprios da linguagem do marketing político que aludem à união e à mudança. Essa estratégia de campanha visava, principalmente, diminuir o medo que parte do eleitorado,

principalmente mais conservador, apresentava com relação à entrada do partido nas instituições políticas.

Desses elementos destacam: i) o slogan *Unidos Podemos* da coligação eleitoral-partidária formalizada durante o processo de formação de governo entre *Podemos* e *Esquerda Unida* que decidiram se apresentar conjuntamente nas eleições de junho de 2016 (26J) representando uma política de mudança; ii) expressões como “voltar a sorrir” e “o sorriso de um país”; iii) elementos imagéticos que vão se alternando entre um jovem sentado de costas a olhar para o horizonte, duas pessoas em um ambiente doméstico com uma foto antiga nas mãos, e uma imagem ambígua que remete a um território (imagens abaixo).

À luz das críticas às narrativas hegemônicas acerca da Transição democrática ocorrida na Espanha a partir de 1975 podemos considerar esses elementos simbólicos, pois as imagens que remetem ao passado, ao futuro e a um território nebuloso podem friccionar ativamente um desdobramento da Transição amplamente problematizado pelos integrantes do partido, de que os espanhóis ficaram sem as ferramentas necessárias para a compreensão de sua formação identitária, bem como das disputas políticas em torno do retorno à democracia (BESCANSA et al, 2016).

Assim, a história oficial sem fissuras criou um suposto protagonismo emancipatório do povo espanhol que é sintetizado na entrega de sua vontade e soberania políticas de cunho moderado aos condutores de uma Transição eminentemente conciliadora, ocorrida nos anos 70.



Além desses elementos imagéticos, a arquitetura do site é disposta em dois menus em barras horizontais e um ícone com o vídeo *Volver a Sonreír* - o primeiro feito após a coligação entre *Podemos* e *Esquerda Unida (IU)*. A descrição contida na apresentação do vídeo⁶ é a de que ele foi feito considerando uma perspectiva de vitória a partir de um corte intergeracional. Voltado para o futuro, ele se passa em 26 de junho de 2016 e, pela TV, uma mãe e seu filho jovem escutam a repercussão da vitória do *Unidos Podemos* nas eleições daquele dia, um feito capaz de pôr fim à hegemonia do bipartidarismo na Espanha e que é colocado na chave de que, unidos, podemos fazer a mudança.

No primeiro menu interativo encontramos 6 subcampos, em um dos quais há a divulgação da próxima transmissão ao vivo do partido em uma contagem regressiva, mas também transmissões já ocorridas, tais como discursos e a apresentação da campanha eleitoral.

No subcampo seguinte há um *link* para o site do *Instituto 25M Democracia*⁷, uma fundação ligada ao *Podemos* cuja finalidade gira em torno da formação política

⁶ <http://lasonrisadeunpais.es/videos-unidos-podemos/> Acessado em 14. jun. 2016

⁷ <https://instituto25m.info/> Acessado em 14. jun.2016

e cultural aberta à participação mediante criação de um perfil na comunidade de discussão – pago ou isento para estudantes e desempregados.

Outro subcampo nos leva à página⁸ onde há a descrição dos microcréditos, a forma de financiamento por intermédio das redes adotada pelo *Podemos*, como eles costumam divulgar: ao invés de pedir dinheiro aos bancos ou de receber financiamento empresarial, preferem pedir às pessoas.

Dessa forma, utilizam a internet como uma forma de interação social em potencial, ou seja, aberta a um devir da práxis política, com a priorização absoluta da transparência e da prestação de contas (regiões e valores recebidos) visto em outro *link* direcionando pelo subcampo *Transparência*⁹, onde, além das doações, há a apresentação do código de ética e dos procedimentos de controle interno.

Embora tenhamos nos dedicado à análise do site do partido, é importante destacar que a comunicação está no centro das práticas políticas de *Podemos*. As redes digitais passam a ser usadas como espaços de envolvimento dos apoiadores na sustentação partidária por meio de contribuições, mas também para fins organizativos e de debate, todos resultantes de um processo de discussão política. Por outro lado, a televisão é o espaço privilegiado pelo partido para a comunicação com o eleitorado de forma geral. Portanto, é colocada como estratégica pelos integrantes do *Podemos* para discutir com a população, conseqüentemente as principais lideranças do partido passam a participar com frequência de programas de debate e de entrevistas e colocam essa atuação como prioritária para a ampliação da influência do partido na Espanha.

Voltando à análise do site, vemos que há um subcampo de escolha dos idiomas, que no caso espanhol traz os idiomas falados em regiões diferentes e se trata de um reconhecimento de *Podemos* ao chamado Estado plurinacional, lembrando que esses idiomas foram proibidos durante a ditadura franquista (1939-1975).

Outro subcampo nos leva a uma página¹⁰ em que a organização do partido é detalhada, mas além dessa informação eles também disponibilizam novamente um ícone que nos direciona para o programa de governo, outro para as atualidades (notícias veiculadas pela imprensa, vídeos e outras notícias), e mais um sobre as

⁸ <https://participa.podemos.info/microcreditos> Acessado em 14. jun.2016

⁹ <https://transparencia.podemos.info/> Acessado em 14.jun.2016

¹⁰ <http://podemos.info/organizacion/> Acessado em 14.jun.2016

possibilidades de financiamento, não apenas os microcréditos voltados para a campanha eleitoral, mas também: uma forma de colaboração financeira contínua, permanente; financiamento coletivo através de *crowdfunding*; e as Tiendas, onde vendem livros, bolsas, camisetas de temas ligados ao partido.

São três os princípios fundamentais a orientar a busca por financiamento – como expresso no site: 1. Inovação: pela utilização de ferramentas inovadoras e participativas inspiradas na economia colaborativa; 2. Independência: dos bancos e dos interesses econômicos; e 3. Transparência: na prestação de contas.

Assim, segundo Nacha:

Temos formas diferentes de financiamento. *Crowdfunding*, colaborações econômicas que são mensais, e nas campanhas eleitorais são os microcréditos, que no lugar de pedir dinheiro a um banco, pedimos às pessoas. São créditos pequenos, de 50 a 500 euros. As pessoas emprestam esse dinheiro e depois o devolvemos.(...)

Pensamos que no lugar de pegar um dinheiro público e depois devolvê-lo a um banco, emprestamos dinheiro público e depois devolvemos para as pessoas. E foi muito bonito, muitas pessoas se animaram e contribuíram conosco. Foi muito bonito (NACHA, 2015).

Sobre a organização propriamente dita, há a sumarização de formulários, documentos, listas de candidaturas, resultados de votações e calendário referentes às eleições de órgãos internos nas comunidades autônomas da *Galícia*, *Cantábria* e *Euskadi e La Rioja*.

Ainda nessa página podemos encontrar informações fundamentais para entendermos a estrutura organizativa do *Podemos*, que está dividida em: i) Estrutura Estatal com a *Assembleia Cidadã* e os órgãos como a *Secretaria Geral*, o *Conselho Cidadão*, a *Comissão de Garantias Democráticas*; ii) Estrutura territorial como a *Assembleia Cidadã territorial* e os órgãos como a *Secretaria Geral territorial*, o *Conselho Cidadão territorial*, que mantém o mesmo formato organizativo estatal nas comunidades autônomas e municípios com mais de 100 inscritos; iii) Os *Círculos*.

Eles definem *Assembleia Cidadã* como sendo o órgão máximo de tomada de decisão e que é composto por todas as pessoas (350.000 atualmente) ligadas ao partido que preenchem os critérios de ser maior de 14 anos, estar comprometido com a construção do *Podemos* e concordar com o Código de Ética.

Disponibilizam também os documentos gerados a partir da *Assembleia Cidadã* de *Vistalegre* ocorrida em 2014, um marco na formação do partido. Os integrantes da

Assembleia Cidadã teriam igualdade de voto e voz nesse espaço público no que tange às grandes decisões do partido, tais como programa, estratégia política e eleições dos integrantes da *Secretaria Geral*, do *Conselho Cidadão* e da *Comissão de Garantias Democráticas*.

A *Secretaria Geral* é eleita de forma direta e tem como incumbência central representar política e institucionalmente o partido e assegurar a coordenação entre as áreas executivas do Conselho de Cidadão, que é o colegiado composto por 81 membros da executiva do partido, cuja função primordial é colocar em prática as decisões tomadas pela *Assembleia Cidadã*, mas também de prestar contas a todos os órgãos, aprovar orçamentos e fazer o registro anual da memória política do *Podemos*.

Já a *Comissão de Garantias Democráticas* funciona como o fiador e garantidor dos direitos de cada um dos integrantes do partido e dos princípios fundamentais e as normas de funcionamento.

A estrutura organizativa nomeada *Círculos*, que em meados de 2013 contava com a participação de aproximadamente trezentos coletivos de debates com estreita ligação às redes do 15M - participação feita de forma voluntária e aberta a todos os interessados em discutir e fazer democracia participativa. Segundo descrição contida no site:

Existen dos tipos de círculos: los territoriales, que pertenecen a un territorio determinado, y los sectoriales, que trabajan en un área programática o categoría profesional. Poseen independencia organizativa siempre que se respeten los documentos aprobados por la Asamblea Ciudadana. Cualquier persona puede poner en marcha un círculo y solicitar su validación, no hace falta estar inscrito o ser miembro de *Podemos*.

Assim, é possível compreender que a organização e a mobilização política se apropriam das novas tecnologias ao construírem um site que ao mesmo tempo serve como plataforma de comunicação e propagação da potencialidade democrática da rede *online* e *offline*.

Pode-se afirmar que a arquitetura em rede das práticas políticas do *Podemos* é multimodal e ao operarem no híbrido de um espaço cibernético e um espaço urbano, ou o que Castells (2013) nomeia de espaço da autonomia, se abrem à força transformadora que esses espaços de fluxos proporcionam frente às instituições tradicionais de representação e controle.

No segundo menu interativo há um subcampo onde o programa de governo é apresentado e pode ser baixado. São fundamentos de tal programa: i) Renda garantida; ii) Reforma tributária progressiva; iii) Plano de Transição Nacional de Energia; iv) Plano de Igualdade e Bem-Estar Social; v) Sistema de pensões; vi) Trabalho decente para todos e todas; vii) Novo modelo de produção; viii) Igualdade de gênero e integração laboral; ix) Cotas justas para autônomos; x) Reestruturação da dívida hipotecária. Eles estão sumarizados em 394 princípios referentes a cada um desses fundamentos e que visam a orientar a ação política do *Podemos*.

No subcampo #Plano de Resgate Cidadão há a descrição de um roteiro calcado na estratégia do bem comum, da centralidade das demandas cidadãs, a serem colocadas em prática nos primeiros 100 dias após as eleições de junho de 2016, uma oportunidade histórica segundo dizem.

As candidaturas, juntamente com um sucinto perfil, as redes sociais utilizadas pelo candidato e seus próximos atos estão dispostos em outro subcampo. Seguida pela agenda, com atos de campanha e eventos a ocorrer em diferentes localidades. E depois apresentam algumas notícias vinculadas à corrida eleitoral, escritas pelos próprios partidários. Por último, há um subcampo¹¹ que nos direciona para uma página onde é possível se cadastrar como voluntário durante a campanha eleitoral.

Outra estratégia midiática adotada pelo *Podemos* é o intenso uso dos sites de redes sociais para as suas atividades, com destaque para o Twitter e o Facebook, caracterizando a importância da prática midiativista nos debates e na organização partidária. Em entrevista, Nacha Alba deixa clara a importância das redes para o exercício da política pelo partido:

Sempre que falo da construção do *Podemos*, desde o princípio defendo que as redes sociais foram condições essenciais na construção das redes. Se não existissem as redes não existiria *Podemos*. Gosto também de mostrar que as estatísticas do Facebook se vêm muito bem quando têm um pico de curtir no Facebook, que são momentos importantes na construção de *Podemos*.

O primeiro é a primeira coletiva de imprensa, depois vêm as primárias europeias, depois 25 de maio quando acontecem as eleições. Nesses momentos se vê claramente como as redes vêm acompanhando a história de *Podemos*. E usamos as redes para tudo porque, no princípio quando não tínhamos capacidade para influir nos meios, entrar nos meios, podíamos nos comunicar através das redes.

¹¹ <https://equipos.podemos.info/es> Acessado em 14.jun.2016

Nos financiamos através das redes, as prévias foram realizadas através das redes, ou seja, as redes têm sido indispensáveis para a estratégia do *Podemos* (NACHA, 2015 – tradução nossa).

Ao contrário dos partidos tradicionais, cujas equipes de rede são compostas por especialistas do marketing político, a equipe de rede do *Podemos* é constituída por usuários comuns, estudiosos da rede e ciberativistas dando um caráter mais realista (ou menos propagandista) as interações realizadas com os cidadãos.

Todos os que estávamos na equipe da rede do *Podemos* não éramos especialistas, estudiosos de redes. Éramos usuários de redes, o uso que tínhamos era de usuários individuais, diferente do uso dos partidos tradicionais. Os partidos tradicionais usam as redes como um megafone onde contam o que fizeram e não interagem.

Nós usamos as redes de forma natural desde que éramos pequenos para poder interagir com as redes e acredito que nossa rede se distinguiu por isso, porque fazíamos um uso mais natural delas. Passamos de usuários individuais para usuários cidadãos

Quando as pessoas publicam as notícias lemos todos os comentários, vemos o que as pessoas estão opinando sobre essa notícia, vemos os tipos de notícias que querem mais ou que querem menos. Vemos as opiniões sobre os temas, além de tirar dúvidas, responder perguntas. Há uma relação bilateral e não unilateral e de comunicação constante com todo mundo (NACHA, 2015).

A capacidade comunicativa dos integrantes do *Podemos* é recebida dentro dos espaços de diálogo político e se apresenta como uma espécie de oásis no cenário espanhol, verificado nos índices diários de audiência e na repercussão nos círculos de ativistas políticos, que receberam a proposta do *Podemos* como alternativa às forças políticas tradicionais existentes no país, que se organizam de forma vertical, hierarquizada e piramidal.

Assim, em nosso estudo de caso do *Podemos* encontramos elementos próprios da democracia representativa e também da democracia participativa em sua prática política, o que denota um ambiente de reconfiguração dos partidos políticos e das lideranças políticas na contemporaneidade e abre espaço para um profícuo campo de pesquisas.

Podemos pode ser considerado um partido que se localiza no vértice das práticas políticas tradicionais e das novas práticas políticas, apresentando aspectos inovadores relacionados aos movimentos originados dos novos protestos globais ocorridos a partir de 2010, mas que ainda mantém elementos próprios das

organizações políticas tradicionais, principalmente quando se trata do enfrentamento às dinâmicas institucionais.

Nesse sentido, a liderança política também se insere dentro dessa lógica de transição. Ora expressa aspectos inovadores e, portanto, constitui-se de forma descentralizada, incluindo de forma mais ampla os militantes nos processos decisórios. Ora reproduz a prática de líderes políticos que concentram excessivamente o poder frente às dinâmicas partidárias.

Trata-se de decisões em curso dentro do próprio partido, portanto, de um campo de disputas, de jogos de forças, basicamente entre ampliar as formas mais horizontais de organização do partido ou manter práticas verticais nas dinâmicas decisórias. Nesse momento, essas definições estão em pleno processo de discussão e, talvez, o anunciado congresso do partido seja um momento fundamental para algumas deliberações e para imprimir os rumos da organização.

Referências Bibliográficas

Bescansa, Carolina; Errejón, Íñigo; Iglesias, Pablo; Jerez, Ariel; Monedero, Juan Carlos; Sánchez León, Pablo. **¿Transición ejemplar?** Público, 13 dez. 2008. Disponível em: <http://blogs.publico.es/dominiopublico/955/¿transicion-ejemplar/>. Acesso em: 14. Jun. 2016.

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança**. Movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CHOMSKI, Noam. **Occupy**. London: Peaguin Group, Pearson, 2012.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci**: Um estudo sobre seu pensamento político. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

GRAMSCI, Antonio. **Maquiavel**. A política e o Estado Moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Multidões**: guerra e democracia na era do Império. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2005.

_____. **Commonwealth** – El proyecto de una revolución del común. Madrid: Akal, 2011.

_____. **Declaração**. Isto não é um manifesto. São Paulo: n-1 edições, 2014.

NEGRI, Antonio, **A anomalia selvagem, poder e potência política em Spinoza**. Rio de Janeiro: 34, 1993

RAMOS PÉREZ, A. (2015). **Apuntes sobre innovaciones representativas y participativas en Podemos**. Revista Teknokultura, Vol. 12(1), 169-176.

Entrevistas realizadas para a pesquisa:

ALBA, Nagua, psicóloga, deputado de Podemos, entrevista concedida a Rosemary Segurado, Madrid, jun. 2015.

BESCANSA, Carolina, cientista política, deputada de Podemos, entrevista concedida a Rosemary Segurado, Madrid, dez. 2015.

ERREJON, Iñigo, cientista político, secretário de Política e Área de Estratégia e Campanha, entrevista concedida a Rosemary Segurado, Madrid, jun. 2015.

JEREZ, Ariel, cientista político, membro do Conselho Cidadão, entrevista concedida a Rosemary Segurado, Madrid, jun. 2015.

LOPES, José Manuel, agrônomo, porta-voz do partido na Assembleia de Madrid, entrevistas concedidas a Rosemary Segurado, Madrid, jun. e dez. 2015.

MOLINA, Jesus, jornalista, assessor de comunicação, entrevista concedida a Rosemary Segurado, Madrid, jun. 2015.

MONEDERO, Juan Carlos, cientista político, ex-secretário de Proceso Constituyente y Programa, entrevista concedida a Rosemary Segurado, Madrid, jun. 2015

URBÁN, Miguél, eurodeputado de Podemos, entrevista concedida a Rosemary Segurado, Madrid, dez. 2015.

VASQUEZ, Beto, doutorando em Ciência Política, Universidad Complutense de Madrid, assessor de Podemos, entrevista concedida a Rosemary Segurado, Madrid, dez. 2015.